

CODEX MATTHAEI CAIRENSIS: PROVENIÊNCIA RELATADA, DATAÇÃO DIGITAL E CONVERGÊNCIAS PATRÍSTICAS DE UM FAC-SÍMILE ARAMAICO-HEBRAICO**Codex Matthaei Cairensis: Reported Provenance, Digital Dating, And Patristic Convergences Of An Aramaic-Hebrew Facsimile**

José Ricardo P. Tavares¹
Neirivan dos Santos Brito²

1 Bacharel em Arqueologia pela UNIR, com experiência em arqueologia histórica, amazônica e preventiva. Atua em estudos bíblicos, línguas antigas, judaísmo antigo e cristianismo primitivo, reunindo formação complementar pela UNIR e Yale, publicações, ensino de hebraico, ladino e aramaico e participação em diversos eventos acadêmicos. E-mail: nasirutha@gmail.com

2 Professor de Filosofia no IEMA, doutorando em Filosofia e mestre em Ciências da Educação por instituição francesa. Possui licenciaturas em Filosofia e Pedagogia, especializações em Gestão Pública e Educação, formação técnica em Serviços Públicos e complementação pedagógica em Ciências da Religião, com atuação acadêmica e docente vinculada à formação filosófica. E-mail: neirivanbrito@aol.com

Resumo

Este artigo apresenta uma análise preliminar do material intitulado Codex Matthaei Cairensis, recebido em 2019 como fac-símile monocromático acompanhado de transcrição aramaico-hebraica em caracteres hebraicos. O objetivo não é autenticar definitivamente o suporte material, ao qual o pesquisador não teve acesso físico, mas estabelecer critérios de descrição, delimitar a cadeia de transmissão relatada, avaliar os metadados digitais do arquivo FAC-SÍMILE KAHIRI e comparar certas leituras internas com testemunhos patrísticos sobre o Evangelho dos Hebreus, o Evangelho dos Nazarenos e tradições judaico-cristãs antigas associadas a Mateus. A metodologia articula crítica externa, crítica interna, análise filológica semítica e comparação patrística. O estudo distingue quatro níveis de datação: o nível textual, o nível material, o nível da reprodução fac-similar e o nível do arquivo PDF. A principal contribuição consiste em propor uma apresentação crítica e publicável do documento como objeto de pesquisa, sem substituir a necessidade de perícia codicológica, exame físico, análise de tinta, radiocarbono do suporte e imagem multiespectral.

Palavras-chave: Codex Matthaei Cairensis; Evangelho dos Hebreus; crítica textual; patrística; judaísmo antigo; cristianismo primitivo.

Abstract

This article offers a preliminary analysis of the material entitled Codex Matthaei Cairensis, received in 2019 as a monochrome facsimile accompanied by an Aramaic-Hebrew transcription in Hebrew characters. The aim is not to authenticate the material support definitively, since the original artefact has not been physically examined, but to establish descriptive criteria, define the reported chain of transmission, assess the digital metadata of the PDF file named FAC-SÍMILE KAHIRI, and compare selected internal readings with patristic testimonies concerning the Gospel according to the Hebrews, the Gospel of the Nazarenes, and early Jewish-Christian traditions associated with Matthew. The method combines external criticism, internal criticism,

Semitic philology, and patristic comparison. The study distinguishes four chronological layers: textual, material, facsimile reproduction, and PDF file. Its main contribution is to present the document as a research object in a critical and publishable form, while emphasizing the need for codicological expertise, physical examination, ink analysis, radiocarbon testing, and multispectral imaging.

Keywords: Codex Matthaei Cairensis; Gospel according to the Hebrews; textual criticism; patristics; ancient Judaism; early Christianity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo reorganiza, em formato acadêmico, o material documental e narrativo ligado ao chamado Codex Matthaei Cairensis, designação atribuída neste estudo a um fac-símile aramaico-hebraico recebido em 2019, acompanhado de uma transcrição em arquivo de texto. A designação não pretende, por si mesma, resolver a questão da autenticidade do artefato material, nem sugerir que o pesquisador tenha tido acesso direto ao suporte original. Ela funciona como título operacional para um conjunto documental específico: uma reprodução fac-similar, em alta intensidade visual, e uma transcrição sem vocalização original, ambas vinculadas a uma proveniência relatada de ambiente judaico caiota e posterior circulação em Israel.

A relevância do material decorre de três fatores. Primeiro, o fac-símile se apresenta como tradição evangélica semítica atribuída a Matay bar Halfay, isto é, Mateus filho de Alfeu, e não simplesmente como tradução moderna de um evangelho canônico. Segundo, algumas leituras internas convergem com notícias patrísticas sobre um evangelho usado por hebreus, nazarenos ou ebionitas, especialmente no que diz respeito à língua semítica, ao Espírito Santo como Mãe de Jesus, ao pão do amanhã, à tradição da mulher acusada de pecados e ao alimento de João. Terceiro, os metadados do arquivo PDF, embora não provem a antiguidade do manuscrito, sugerem uma cronologia digital anterior ao recebimento do material pelo autor, o que impede que a análise seja reduzida, sem exame, a uma fabricação posterior a 2019.

O problema central pode ser formulado da seguinte maneira: que estatuto crítico deve ser atribuído a um fac-símile sem acesso físico ao suporte original, mas com características linguísticas, narrativas e patrísticas que o tornam historicamente digno de exame? A resposta adotada aqui é metodologicamente cautelosa. O documento não pode ser publicado como manuscrito autenticado, mas tampouco deve ser descartado apenas por não se adequar aos sistemas já estabilizados de transmissão textual. Entre a credulidade e o ceticismo apressado,

há um campo legítimo de investigação: a descrição controlada do objeto, a exposição transparente de seus limites e a comparação rigorosa com testemunhos antigos.

Por essa razão, o artigo é estruturado como estudo preliminar, não como edição crítica definitiva. A intenção é fornecer a pesquisadores de crítica textual, judaísmo antigo, cristianismo primitivo, filologia semítica e história da recepção patrística um quadro suficientemente claro para avaliar o material. A hipótese de trabalho é que o fac-símile preserva, ao menos em sua arquitetura literária e teológica, uma tradição judaico-cristã semítica, possivelmente tardia como cópia, mas conectada a motivos já conhecidos pela patrística. Essa hipótese permanece aberta, sujeita à confirmação ou refutação por análise material e comparação paleográfica mais ampla.

OBJETO, CORPUS E LIMITES DA PESQUISA

O objeto imediato deste estudo é o fac-símile digital intitulado FAC-SÍMILE KAHIRI e a transcrição aramaico-hebraica que o acompanhava. A palavra “fac-símile” é aqui usada em sentido estrito, pois trata-se de uma cópia visual de um suporte que não se encontra fisicamente disponível para exame direto. Portanto, todas as observações codicológicas e paleográficas são necessariamente mediadas pela imagem. A análise não substitui a inspeção do suporte, nem permite conclusão absoluta sobre idade do pergaminho, composição da tinta, origem do escriba ou percurso completo do objeto.

O corpus inclui, em primeiro lugar, a narrativa de transmissão relatada: o contato com David André Belhassen, a notícia de uma família judaica originária do Cairo, a indicação de que o documento teria sido guardado por um rabino da família e a posterior reprodução xerográfica ou digital. Em segundo lugar, inclui a aparência visual do fac-símile: fôlios, escrita semítica em caracteres hebraicos, ausência de nequdôt, uso de *matres lectiones*, regularidade de mão escribal e indícios de reutilização de suporte em camadas. Em terceiro lugar, inclui o corpo textual atribuído a Mateus, com suas leituras próprias e seu colofão.

A limitação principal é evidente, pois não há, neste momento, acesso ao manuscrito original. Assim, não se pode falar em autenticação plena. O que se pode fazer é uma avaliação de plausibilidade. Essa avaliação examina se a cadeia relatada é internamente coerente, se os metadados digitais são compatíveis com o relato, se a língua e a composição literária apresentam traços artificiais evidentes, e se as convergências com a patrística são genéricas ou específicas. O estudo conclui que há elementos suficientes para justificar investigação acadêmica, mas não para proclamar autenticidade material definitiva.

A delimitação também impede o uso do fac-símile como “prova” imediata de uma forma original do evangelho de Mateus. A crítica textual não opera por entusiasmo, mas por controle de variantes, genealogia de testemunhos e avaliação histórica. Mesmo quando uma leitura parece antiga, ela pode ter sido reconstruída por um escriba erudito, transmitida por tradição secundária ou formada por harmonização. Por isso, cada convergência aqui analisada é apresentada como indício, não como demonstração isolada.

Eu, Matay bar Halfay, que fui chamado da mesa dos cobradores para ir após meu Rabi, dou testemunho destas coisas; não as recebi de boato dos filhos dos homens, mas daquilo que vi e ouvi da boca daquele que me honrou, e dos irmãos que caminharam com ele desde o Jordão até Jerusalém. Escrevi estas coisas para memória dos pobres de Israel, para que não fosse esquecido o caminho do Senhor entre os povos. Marana tha. Amém. A Paz. (CODEX MATTHAEI CAIRENSIS, 2019, colofão, tradução do autor).

A citação acima ilustra o primeiro problema crítico do documento: a autoatribuição apostólica. Tal atribuição, por si só, não prova autoria, pois colofões antigos, em papiros, medievais ou pseudepigráficos frequentemente constroem autoridade por meio de nomes apostólicos. Contudo, ela é relevante para compreender como o documento deseja ser lido. O fac-símile não se apresenta como comentário, tradução missionária ou paráfrase litúrgica, mas como memória evangélica vinculada a voz mateana semítica.

METODOLOGIA

A metodologia combina quatro procedimentos. O primeiro é a crítica externa, voltada à proveniência relatada, à cadeia de custódia, ao histórico de transmissão digital e aos metadados do arquivo. Esse procedimento não autentica o manuscrito, mas ajuda a estabelecer terminus ante quem e a separar o que pertence ao relato, o que pertence ao arquivo e o que pertence à hipótese. A crítica externa exige registrar lacunas, inclusive a ausência de dimensões do suporte original, de fotografias coloridas com escala, de laudo físico e de identificação independente da família guardiã.

O segundo procedimento é a crítica interna. Aqui observam-se coerência narrativa, vocabulário, sintaxe, organização do texto, ausência de pontuação moderna, uso de matres lectiones, regularidade da escrita e presença de motivos teológicos. A crítica interna pergunta se o texto se comporta como tradução servil dos evangelhos canônicos, como retroversão moderna ou como composição semítica com autonomia literária. Tal pergunta não se resolve por uma única leitura, mas pelo conjunto de indícios.

O terceiro procedimento é a filologia semítica. O fac-símile opera em zona de fronteira entre hebraico e aramaico, com grafia hebraica e vocabulário de matriz judaica. Por isso, leituras como קומצא, אלוה, יהויה, נאצוראיא, מחר (komtza, Eloah, YHVH, Natsoraia e Mahar) não devem ser tratadas apenas como formas exóticas, mas como dados linguísticos. O método filológico pergunta se esses termos explicam dificuldades conhecidas da tradição grega ou patrística, e se preservam jogos de palavras que se perdem em tradução.

O quarto procedimento é a comparação patrística. Eusébio, Jerônimo, Orígenes e Epifânio não são usados como autoridades dogmáticas, mas como testemunhas históricas da circulação de tradições evangélicas mateanas semíticas. A patrística é aqui o controle externo de plausibilidade. Quando uma leitura do fac-símile coincide com uma notícia patrística muito específica, a coincidência ganha peso. Quando a coincidência é apenas temática, seu peso diminui. Esse critério evita transformar qualquer semelhança em prova.

Quadro 1 - Níveis de análise e grau de segurança. Fonte: elaborado pelo autor.

Nível	O que pode indicar	Limite crítico
Textual	Antiguidade de motivos, tradição semítica, paralelos patrísticos.	Não prova idade material do manuscrito.
Material	Suporte, tinta, costura, fólhos, palimpsesto, mão escribal.	Exige exame físico, fotografia colorida, escala e perícia.
Fac-similar	Estado visual da cópia, sequência de fólhos, forma de reprodução.	Pode distorcer contraste, cor, textura e rasuras.
Digital	Datas de criação, modificação, acesso e nome do arquivo.	Metadados podem ser herdados, alterados ou preservados por cópia.

PROVENIÊNCIA RELATADA E CADEIA DE CUSTÓDIA

Segundo a memória de transmissão preservada pelo autor, o fac-símile foi recebido em 2019 por intermédio de David André Belhassen, pesquisador independente ligado a debates sobre hebraico, Bíblia, arqueologia de campo e tradições antigas. A cadeia relatada menciona uma família judaica originária do Cairo, posteriormente residente em Tel Aviv, que teria preservado o documento em ambiente familiar. O material teria sido copiado ou fac-similado em momento anterior, quando o suporte já se encontrava em condição frágil.

Essa proveniência deve ser tratada como relatada, não demonstrada. O Cairo, por sua história documental, é ambiente plausível para preservação de textos judaicos marginais, inclusive por causa da cultura de guarda de escritos desgastados, mas isso não autoriza associar automaticamente o fac-símile à Genizá do Cairo. A menção ao Cairo é relevante como dado de

memória e como hipótese contextual, não como prova de origem genizática. A formulação prudente é que o documento é de proveniência familiar judaica caiota, segundo relato de transmissão, posteriormente copiado e digitalizado antes de chegar ao autor.

A cadeia de custódia apresenta pontos fortes e fracos. O ponto forte é a existência de um arquivo com metadados anteriores ao recebimento de 2019 e de uma narrativa consistente com uma reprodução feita antes da circulação pública do texto. O ponto fraco é a ausência de documentação independente da família, dos responsáveis pela cópia, do local exato de guarda, das dimensões do suporte e do paradeiro atual do original.

A hipótese de ambiente judaico não rabínico, caraíta ou antirrabínico, pode ser considerada, mas não deve ser convertida em conclusão. O conteúdo do fac-símile apresenta Jesus como mestre semítico (Rabi) defensor da Torá, crítico de tradições humanas e vinculado ao campo nazareno (Nasirutha – Judaísmo Nazareno). Tal perfil se harmoniza melhor com uma tradição judaico-cristã marginal do que com uma produção eclesiástica latina comum. Ainda assim, a identificação social dos guardiões do documento permanece aberta.

DATAÇÃO DIGITAL DO PDF FAC-SÍMILE KAHIRI

A imagem das propriedades do arquivo FAC-SÍMILE KAHIRI acrescenta um dado importante à discussão: o PDF aparece como criado em 2 de março de 1999, às 14h23min21s, modificado em 5 de setembro de 2017, às 10h32min42s, e acessado em 14 de junho de 2026. O tamanho indicado é de 1,74 MB, ou 1.830.953 bytes, com 1,75 MB em disco. Esses dados pertencem ao arquivo digital exibido pelo sistema operacional, não ao manuscrito original.

A data de criação, se preservada de modo íntegro, sugere que uma versão digital do arquivo já existia em 1999. A data de modificação, se igualmente íntegra, estabelece ao menos que o arquivo sofreu intervenção, salvamento ou atualização em 2017, antes de seu envio ao autor em 2019. A data de acesso de 2026 é apenas registro de abertura recente e não participa da datação histórica do documento. Assim, o valor maior dos metadados está em fornecer uma cronologia digital mínima, não uma data material do códice.

Do ponto de vista crítico, os metadados autorizam uma formulação cautelosa: o arquivo PDF, tal como preservado, aparenta ter uma história digital anterior ao contato de 2019. Isso não exclui alteração de metadados, cópia entre computadores, reconstrução de arquivo, conversão posterior ou manipulação involuntária. Todavia, também impede tratar o documento, sem exame, como algo criado apenas após o contato com o autor. O dado digital funciona como

indício de anterioridade relativa, isto é, como terminus ante quem para a existência do arquivo ou de uma cadeia digital associada a ele.

É fundamental separar quatro datações. A primeira é a datação do texto-fonte ou da tradição literária, que pode conservar motivos antigos independentemente da idade da cópia. A segunda é a datação do suporte físico, que só pode ser avaliada por perícia material. A terceira é a datação da reprodução fac-similar, possivelmente xerográfica ou digitalizada, que depende da história técnica da cópia. A quarta é a datação do PDF, indicada pelos metadados. Confundir esses níveis produziria erro metodológico grave.

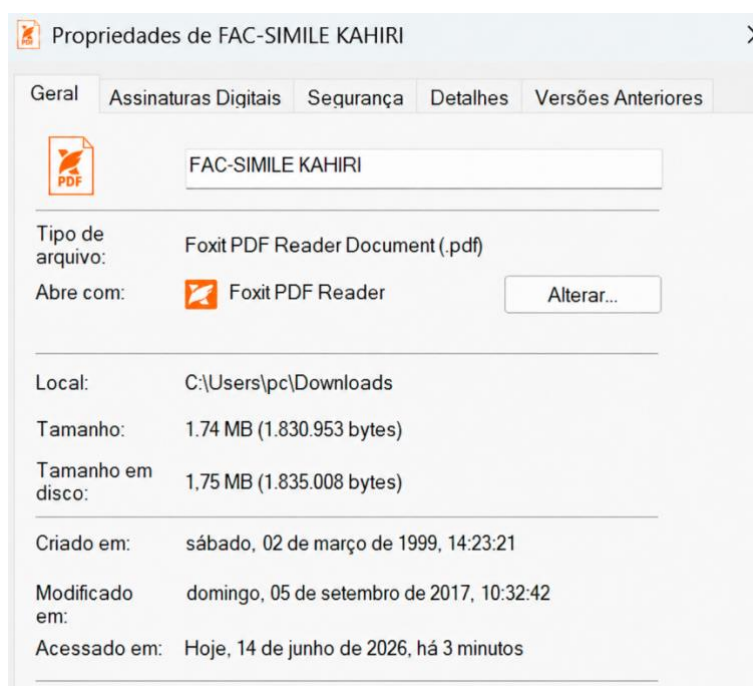


Figura 1 - Propriedades digitais do arquivo FAC-SÍMILE KAHIRI. Fonte: acervo do autor.

DESCRIÇÃO LINGUÍSTICA E CODICOLÓGICA PRELIMINAR

O fac-símile apresenta uma escrita semítica em caracteres hebraicos, sem sinais vocálicos massoréticos e sem pontuação moderna. A transcrição recebida segue a mesma orientação geral, preservando formas aramaico-hebraicas com uso abundante de matres lectiones. Essa combinação impede classificá-lo como hebraico bíblico puro ou como siríaco eclesiástico comum. O perfil é melhor descrito como aramaico judaico de matriz hebraica, ou como língua de fronteira semítica, onde formas hebraicas, aramaicas e tradições de pronúncia se sobrepõem.

Entre os dados internos, destaca-se a forma נַצְרֵאִיא, Natsoraia, próxima do grego Ναζωραῖος (Nazoraios). A leitura permite compreender “nazareno” não como gentílico derivado de Nazaré, mas como título messiânico relacionado a נֶצֶר (netser), o Rebento davídico

de Isaías 11,1. Essa interpretação é antiga e aparece em tradições siríacas posteriores, como Éfrem o sírio e Bar Hebreu, nas quais o nome de Jesus é associado ao rebento de Jessé. A importância da forma está em sua capacidade de explicar a transliteração grega a partir de uma base semítica.

Outro dado relevante é o tratamento do Nome divino. O fac-símile não se limita às substituições rabínicas posteriores, como השם (Hashem), mas conserva grafias expandidas, entre elas יהויה (YaHVeH) e יהוה (YaHVah). Em contexto judaico rabínico estrito, a tendência seria ocultar, substituir ou reverenciar graficamente o Tetragrama. A presença de formas plenas ou semiplenas não prova antiguidade por si só, mas sugere ambiente textual incomum, talvez mais livre em relação aos mecanismos de ocultação reverencial rabínica.

A descrição codicológica é mais restrita. A reprodução sugere fólhos, não rolo contínuo, e há notícia de material palimpsesto em alguns versos. A presença de frente e verso, de folhas soltas e de possível reaproveitamento do suporte aponta para estrutura compatível com códice ou caderno manuscrito. Entretanto, como não há fotografia colorida do suporte original, nem escala, nem imagem multiespectral, essas observações devem permanecer preliminares. O máximo que se pode afirmar é que o objeto reproduzido aparenta possuir organização codicológica de folhas e não de rolo.

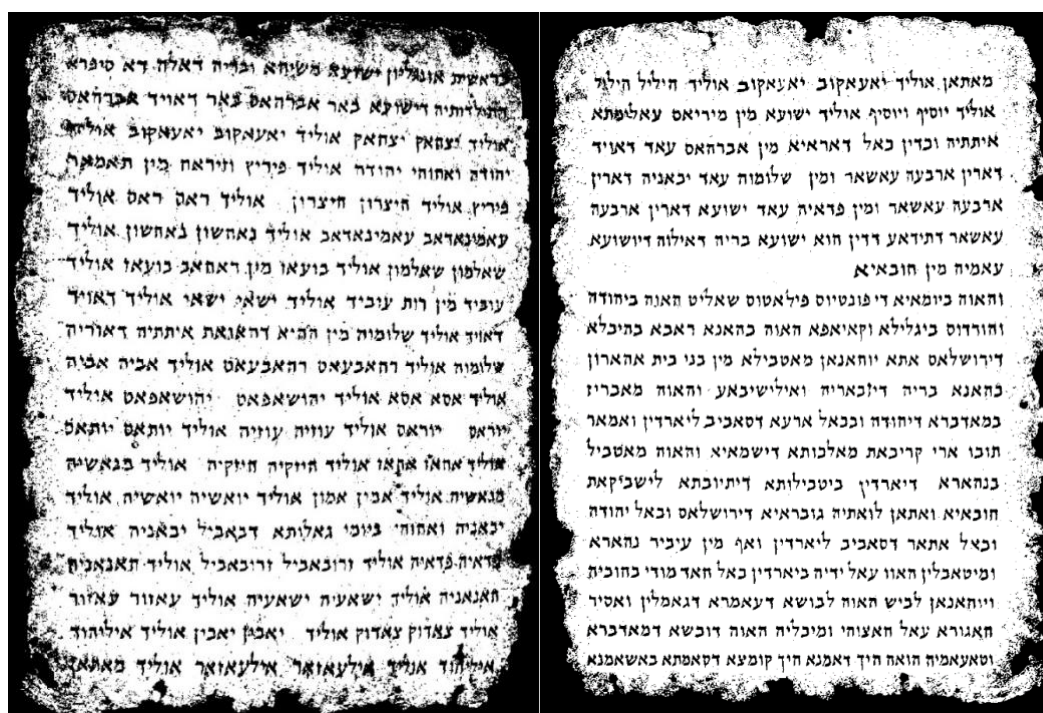


Figura 2 - Fólio 1, frente e verso, do fac-símile aramáico-hebraico. Fonte: acervo do autor.

TESTEMUNHOS PATRÍSTICOS COMO CONTROLE COMPARATIVO

O ponto decisivo da análise não é a simples afirmação de que existiu um Mateus hebraico. Essa notícia é antiga e complexa. O ponto decisivo é verificar se o fac-símile converge com detalhes específicos associados, na patrística, a tradições judaico-cristãs semíticas. A comparação deve começar por Papias, preservado por Eusébio. Segundo o testemunho transmitido, Mateus teria composto os logia “em dialeto hebraico”, e cada um os interpretou/traduziu como pôde (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1926, III, 39, 16). A frase é discutida, pois logia pode significar ditos, discursos, oráculos ou composição evangélica mais ampla. Ainda assim, ela atesta memória antiga de uma produção mateana em língua semítica. “Mateus, pois, ordenou os logia em dialeto hebraico, e cada um os interpretou como era capaz”. (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1926, III, 39, 16, tradução do autor).

Jerônimo amplia a tradição ao afirmar que Mateus publicou na Judeia um evangelho em letras e palavras hebraicas para aqueles da circuncisão que haviam crido. Em outra notícia, menciona um evangelho usado pelos nazarenos, em língua caldaica e síria, mas escrito com caracteres hebraicos, preservado em ambiente oriental e conhecido por ele (JERÔNIMO, 1892a, cap. 3; JERÔNIMO, 1892b, III, 2). Ainda que a relação exata entre Evangelho dos Hebreus, Evangelho dos Nazarenos e Mateus hebraico seja discutida, a notícia de uma tradição semítica em letras hebraicas é diretamente pertinente ao fac-símile.

O evangelho que os nazarenos e ebionitas usam, escrito em língua caldaica e síria, mas em caracteres hebraicos, é tido por muitos como o autêntico Mateus. (JERÔNIMO, 1892b, III, 2, tradução do autor).

Orígenes fornece outro controle relevante ao citar uma tradição do Evangelho dos Hebreus em que Jesus fala do Espírito Santo como sua Mãe. A fórmula é notável por escapar ao vocabulário teológico greco-latino posterior. No fac-símile, a tradição da Mãe-Esperito aparece associada ao transporte de Jesus ao monte Tabor, exatamente no campo de uma tradição não canônica conhecida por testemunhos antigos (ORÍGENES, 1896, II, 12, 87). Essa convergência é específica e possui peso maior do que uma simples semelhança temática, pois também se encontra no corpo textual do fac-símile.

Epifânio de Salamina, por sua vez, é testemunha polêmica, mas útil. Ao tratar dos nazarenos, afirma que preservavam Mateus em letras hebraicas; ao tratar dos ebionitas, acusa o texto deles de mutilação e menciona a alteração do alimento de João, contrastando ἀκρίδες (akrides), gafanhotos, com ἐγκρίδες (enkrides), bolos ou massas em óleo (EPIFÂNIO DE SALAMINA, 2009, XXIX, 9; XXX, 13). O fac-símile apresenta uma forma semítica que pode explicar a tradição do alimento de João por um jogo anterior entre קומצא, komtza, “punhado”,

e קמץא, kamtza, “gafanhoto”, recolocando a discussão em plano aramaico antes da confusão grega entre ἀκρίδες, “gafanhotos”, e ἐγκρίδες, “bolos”.

A chave está em Levítico 2:2, onde a oferta de cereal é descrita pelo gesto sacerdotal de tomar מֶלֶךְ קִמְצָה, melô qumtzô, “o cheio do seu punhado”, da flor de farinha misturada com azeite. Assim, quando o fac-símile fala de uma porção semelhante a קומצא, “punhado”, associada ao alimento simples do deserto, ele não parece inventar uma dieta estranha para João, mas preservar uma memória semítica próxima da linguagem da mincháh, a oferta vegetal de farinha e azeite.

Nesse contexto, é muito provável que o alimento de João fosse o fruto da alfarroba, alimento agreste, pobre, adocicado e próprio do deserto, muitas vezes associado na tradição popular ao chamado “gafanhoto” vegetal.

Desse modo, o “gafanhoto” da tradição grega pode ter nascido de uma leitura equivocada de uma palavra aramaica muito próxima, transformando o punhado de alimento vegetal, provavelmente alfarroba amassada, onde se sai o seu mel ao amasso da mão, em inseto, enquanto o texto semítico conserva melhor o cenário profético, ascético e torático de João.

Por fim, a tradição da mulher acusada de muitos pecados, associada por Eusébio a Papias e ao Evangelho dos Hebreus, é relevante para a história da perícopes da mulher adúltera. A tradição canônica joanina apresenta instabilidade manuscrita; o testemunho patrístico sugere circulação independente de uma narrativa feminina de acusação e perdão. O fac-símile preserva uma cena semelhante em sua própria estrutura narrativa, isso favorece a hipótese de tradição hebraico-nazarena anterior à fixação joanina posterior (EUSÉBIO DE CESAREIA, 1926, III, 39, 17).

Quadro 2 - Convergências patrísticas e leituras do fac-símile. Fonte: elaborado pelo autor.

Tema	Testemunho patrístico	Leitura discutida no fac-símile
Mateus semítico	Papias/Eusébio; Jerônimo.	Tradição aramaico-hebraica em caracteres hebraicos.
Espírito Santo como Mãe	Orígenes, Evangelho dos Hebreus.	Mãe-Espírito que conduz Jesus ao Tabor.
Pão do amanhã	Jerônimo sobre Mt 6,11.	Leitura ligada a מחר, mahar, futuro/reino.
Alimento de João	Epifânio: ἀκρίδες/ἐγκρίδες.	קומצא דקאמתא, punhado da seara, possível paronomásia.
Mulher acusada	Papias/Eusébio: muitos pecados.	Cena feminina de acusação, perdão e restauração.

LEITURAS INTERNAS DE MAIOR RELEVÂNCIA

A primeira leitura de maior relevância é a Mãe-Espírito. No cristianismo siríaco antigo, a palavra para espírito רוחא (Ruha) é feminina, e tradições semíticas puderam preservar imagens maternas do Espírito antes da padronização dogmática greco-latina. Quando o fac-símile apresenta Jesus falando de sua Mãe como Espírito Santo, a leitura não deve ser imediatamente classificada como fantasia tardia. Ela pertence a um campo de linguagem já conhecido por Orígenes como tradição do Evangelho dos Hebreus. A questão crítica é se o fac-símile depende dessa notícia patrística ou se preserva tradição paralela. Sem prova material, a resposta permanece aberta; com a convergência específica, a hipótese merece investigação.

A segunda leitura é o pão do amanhã no Pai Nosso. O termo grego ἐπιούσιος é um dos mais difíceis da tradição evangélica. Jerônimo registra, em conexão com o evangelho hebraico, uma leitura relacionada ao pão futuro ou de amanhã. A presença de מחר, mahar, no fac-símile oferece uma solução semítica para a dificuldade. Em vez de “pão cotidiano” em sentido ordinário, teríamos “pão do amanhã”, isto é, pão escatológico, pão do Reino, alimento antecipado da era vindoura. A leitura é teologicamente coerente com ambiente apocalíptico judaico e linguisticamente plausível.

A terceira leitura é o alimento de João. A tradição canônica grega fala de gafanhotos e mel silvestre. Epifânio acusa os ebionitas de terem substituído gafanhotos por bolos em óleo. O fac-símile sugere uma solução anterior à polêmica grega: קומצא דקאמתא באשאמנא, entendido como um mel semelhante a um punhado da seara em óleo, como a alfarroba do deserto. O jogo entre קומצא, punhado, e קמצא, gafanhoto, explicaria tanto a leitura grega quanto a leitura ebionita. O dado é filologicamente forte porque apresenta uma paronomásia semítica capaz de gerar as variantes posteriores.

A quarta leitura é a associação de “nazareno” a נצר (netser), Rebento. A tradição cristã posterior frequentemente leu nazareno como referência geográfica a Nazaré. O fac-símile, porém, permite compreender נאצוראיה (Natsoraia) apenas como título messiânico davídico, relacionado ao rebento de Jessé. Essa interpretação recoloca a identidade de Jesus no campo da promessa profética e não da localização. O dado também explica melhor a forma grega Ναζωραῖος (Nazoraios), que parece transliterar uma base semítica já existente como vemos no fac-símile.

A quinta leitura, talvez uma das mais provocativas do fac-símile, está na estrutura genealógica e na preservação do nome היליל, Hilel, entre Jacó e José. O Mateus canônico conserva a famosa fórmula das três séries de catorze gerações, mas a tradição recebida sempre

deixou diante do leitor uma dificuldade embaraçosa, pois a contagem não se fecha de modo natural sem artifícios interpretativos.

O fac-símile, ao preservar Hilel nessa posição genealógica, oferece justamente a peça que faltava ao encaixe, tornando compreensível uma lacuna que a transmissão grega posterior parece ter apagado, deslocado ou simplificado. A importância desse dado não está apenas em resolver uma dificuldade aritmética de Mateus, mas em recolocar Jesus dentro de uma memória genealógica judaica mais antiga, ligada à casa de Davi e à tradição hilelita preservada no judaísmo.

Além disso, a presença de הליל pode iluminar a forma Heli ou Helei (segundo a 8ª edição de Tischendorf) da genealogia lucana, sugerindo que Mateus e Lucas talvez não preservem genealogias contraditórias, mas ecos distintos de uma tradição semítica anterior. Naturalmente, essa leitura exige prudência, confronto direto com o fôlio, com a transcrição, com as tradições genealógicas judaicas e com a recepção lucana. Ainda assim, sua força é evidente, pois onde o texto canônico recebido parece tropeçar na contagem, o fac-símile conserva uma memória que explica o tropeço.

A sexta leitura é o uso expandido do Nome divino e sua relação com אֱלֹהִים (Eloah) e com o número 42. A argumentação simbólica que relaciona Eloah, Mãe e genealogia de quarenta e duas gerações pode revelar teologia interna sofisticada. Entretanto, esse tipo de análise deve ser distinguido da crítica textual estrita. Guematria e simbolismo ajudam a compreender o universo do texto, mas não demonstram, sozinhos, a antiguidade do documento. São indícios de coerência interna, não de datação material.

ENTRE O MATEUS CANÔNICO, O EVANGELHO DOS HEBREUS E A HIPÓTESE DE TRADIÇÃO-FONTE

O fac-símile não deve ser identificado apressadamente com a chamada Fonte Q. No modelo clássico, Q é uma coleção hipotética de ditos utilizada para explicar o material comum a Mateus e Lucas ausente de Marcos. O Codex Matthaëi Cairensis, por sua vez, apresenta moldura narrativa, genealogia, cenas de João, batismo, discursos e colofão. Portanto, se há relação com a noção de fonte, ela deve ser pensada como tradição evangélica semítica mais ampla, não como coleção abstrata de logia.

A identificação do fac-símile com o campo do chamado Evangelho dos Hebreus não deve ser enfraquecida por excesso de cautela terminológica. É verdade que a patrística emprega, por vezes, designações fluidas, como Evangelho dos Hebreus, Evangelho dos Nazarenos,

Evangelho dos Ebionitas e Mateus hebraico. Contudo, essa fluidez não enfraquece a hipótese, antes a fortalece, pois mostra que os autores antigos estavam tentando nomear uma mesma constelação textual semítica, preservada entre comunidades judaico-cristãs, nazarenas e ebionitas.

O fac-símile não se comporta como uma simples retroversão medieval de Mateus, nem como paráfrase latina, grega ou rabínica tardia. Sua língua, sua estrutura, sua cristologia semítica, sua defesa da Toráh, sua pneumatologia materna e suas convergências pontuais com os fragmentos conhecidos pela patrística apontam para o mesmo horizonte tradicional que os antigos chamaram de Evangelho dos Hebreus.

Assim, a formulação mais adequada não é afastá-lo dessa tradição, mas reconhecê-lo como testemunho fac-similar de uma tradição mateana hebraico-aramaica, profundamente judaica e nazarena, que pode representar justamente uma das formas sobreviventes, ainda que tardia e mediada, daquele Evangelho dos Hebreus conhecido apenas por fragmentos.

A relação do fac-símile com os quatro evangelhos canônicos é complexa, mas justamente por isso decisiva. O texto conhece motivos que hoje encontramos em Mateus, Marcos, Lucas e João. Todavia, não os apresenta como uma colcha de retalhos nem como um Diatessaron artificial, costurado a partir dos quatro evangelhos recebidos. Sua composição se comporta antes como uma túnica inconsútil, tecida de alto a baixo em uma só peça, com unidade interna, lógica semítica própria e movimento narrativo contínuo.

Essa organicidade impede que o documento seja reduzido, sem mais, a uma harmonização tardia. É possível, naturalmente, que algumas passagens tenham sofrido aproximações com tradições canônicas já conhecidas. Contudo, o peso crítico está na direção da dependência. Quando o fac-símile preserva leituras que explicam dificuldades gregas a partir de jogos semíticos, como o alimento de João entre קומצא e קמצא, ou o pão do amanhã no Pai Nosso, ele não parece depender do grego, mas iluminar aquilo que o grego obscureceu.

Assim, onde uma harmonia tardia apenas remendaria Mateus, Marcos, Lucas e João, este texto conserva uma tradição narrativa anterior ou paralela, na qual os fios canônicos ainda não foram separados, porque pertencem a uma matriz hebraico-aramaica comum.

Nesse ponto, a publicação preliminar é necessária. Um objeto textual só pode ser avaliado por comunidade acadêmica se for descrito, transcrito, fotografado e comparado. O silêncio absoluto impede a crítica; a publicação apressada como descoberta definitiva compromete a pesquisa. Este artigo propõe um caminho intermediário: publicar a notícia crítica com limites explícitos, convidando à verificação independente.

DISCUSSÃO: AUTENTICIDADE, PSEUDEPIGRAFIA E VALOR HISTÓRICO

A pergunta se o fac-símile é autêntico não deve ser tratada de modo raso. Ninguém precisa afirmar que temos nas mãos o próprio escrito original de Mateus, como se o apóstolo tivesse acabado de sair da mesa dos cobradores e entregue o códice diretamente ao leitor moderno. Essa não é a questão. A verdadeira questão é outra: este fac-símile preserva uma tradição semítica antiga sobre Jesus, transmitida em ambiente judaico, fora do controle das versões gregas e latinas recebidas? E aqui a resposta se torna muito mais séria.

Mesmo que o suporte final seja medieval ou posterior, o conteúdo guarda uma memória textual muito mais antiga. Manuscritos não são julgados apenas pela idade da pele, do papel ou da tinta, mas também pela língua, pelas leituras difíceis, pelos jogos semíticos que explicam confusões posteriores e pela capacidade de iluminar tradições que a patrística conheceu apenas em fragmentos.

Portanto, a força do fac-símile não está em exigir fé cega, mas em obrigar a crítica textual a encarar uma possibilidade incômoda de que, por trás dele, sobreviva uma forma hebraico-aramaica do evangelho que a tradição dominante não conseguiu apagar.

A pseudepigrafia, por si só, não destrói o valor histórico de um documento antigo. Seria ingenuidade moderna exigir que todo texto atribuído a uma figura apostólica ou profética fosse, necessariamente, autógrafo direto dessa figura. A Antiguidade transmitiu memórias sagradas, tradições comunitárias e escolas de interpretação muitas vezes sob o nome de seus fundadores, mestres ou autoridades espirituais. O que dizer dos 4 evangelhos que nem autoria inicial possuía?

Isso não torna o texto inútil, ao contrário, frequentemente revela o modo como uma comunidade preservou sua própria memória. Portanto, mesmo que alguém considere o colofão mateano como pseudepigráfico, isso não encerra a discussão. Apenas muda a pergunta. O ponto decisivo deixa de ser se Mateus escreveu fisicamente aquela cópia e passa a ser se o documento preserva uma tradição mateana semítica, judaico-cristã, hebraico-aramaica, anterior ou paralela ao domínio das formas gregas recebidas. Nesse caso, o fac-símile continua sendo extraordinário, pois revela uma recepção de Mateus em chave hebraica, marcada por língua semítica, memória nazarena, defesa da Toráh e convergências patrísticas que não podem ser descartadas com a simples palavra “pseudepigrafia”.

O risco maior está nos extremos. O primeiro extremo é a defesa apologética sem controle, que transforma todo indício em prova. O segundo é o descarte cético sem exame, que rejeita o documento porque ele ameaça mapas acadêmicos já conhecidos. A pesquisa histórica

deve suportar o incômodo. Um documento sem proveniência completa pode ser suspeito, mas suspeita não é refutação. O procedimento adequado é abrir o material, declarar as fragilidades e submetê-lo ao crivo de especialistas.

Para publicação universitária, o valor do artigo está justamente nessa postura. O estudo não pede adesão; pede avaliação. Ele mostra que o fac-símile tem uma cadeia digital rastreável, uma proveniência relatada coerente, uma linguagem semítica incomum, convergências patrísticas específicas e problemas abertos. Esse conjunto não basta para autenticar, mas basta para justificar investigação.

CRITÉRIOS DE REFUTABILIDADE E PROGRAMA DE VERIFICAÇÃO

Uma publicação preliminar só tem valor acadêmico real quando não se limita a anunciar uma hipótese, mas também declara honestamente de que modo essa hipótese poderá ser confirmada, enfraquecida ou refutada. No caso do Codex Matthaëi Cairensis, a hipótese central não depende de afirmar autoria apostólica direta, como se o códice material fosse o autógrafo de Mateus. O ponto decisivo é outro: saber se o fac-símile preserva uma tradição evangélica semítica, transmitida em ambiente judaico, marcada por língua hebraico-aramaica, lógica interna própria e convergências patrísticas específicas.

Essa hipótese será enfraquecida se uma análise paleográfica demonstrar ductus moderno incompatível com mãos manuscritas históricas. Se a tinta, caso o suporte reapareça, revelar composição industrial recente sem explicação plausível; se o material físico se mostrar contemporâneo e artificialmente envelhecido; ou se a transcrição demonstrar dependência mecânica de publicações modernas dos fragmentos patrísticos. Mas, enquanto esses pontos não forem demonstrados, não é método crítico rejeitar o documento por incômodo teológico ou por não se ajustar às genealogias acadêmicas já domesticadas. O caminho honesto é examinar o texto, sua língua, suas variantes, suas convergências e suas dificuldades, permitindo que o próprio fac-símile seja interrogado como testemunho, e não descartado antes do julgamento.

Por outro lado, a hipótese será fortalecida se forem localizadas cópias independentes do mesmo fac-símile anteriores a 2019; se os metadados originais puderem ser preservados em cadeia forense; se o suporte físico for reencontrado e apresentar datação compatível com período medieval ou anterior; se a análise multiespectral revelar camadas palimpsésticas coerentes; e se a paleografia identificar mão compatível com tradição hebraico-aramaica oriental. Nenhum desses elementos, isoladamente, bastará para transformar o documento em

autógrafo apostólico, mas todos poderão elevar o estatuto do fac-símile de curiosidade privada a testemunho textual relevante.

O primeiro passo técnico recomendado é a preservação forense do arquivo digital. Isso inclui cópia bit a bit, cálculo de hash, registro do sistema de arquivos, extração de metadados por ferramentas independentes e comparação entre versões, caso existam. A imagem das propriedades do Windows é útil como registro inicial, mas uma submissão acadêmica posterior exigirá relatório técnico mais robusto. Especialmente em estudos de manuscritos transmitidos por cópias digitais, a história do arquivo precisa ser tratada como parte da crítica externa.

O segundo passo é a construção de uma edição diplomática. A transcrição normalizada, ainda que útil para leitura, não substitui uma edição que indique quebras de linha, lacunas, letras incertas, rasuras, danos, possíveis ligaduras e intervenções editoriais. Em um texto sem nequidôt originais, a vocalização deve ser separada da transcrição. O aparato precisa indicar quando a leitura é visível no fac-símile, quando deriva da transcrição recebida e quando depende de reconstrução conjectural. Sem essa separação, o leitor não consegue distinguir dado documental de interpretação moderna.

O terceiro passo é a comparação sistemática com as famílias textuais conhecidas de Mateus hebraico, especialmente Shem Tov, Du Tillet e Münster. Essa comparação é indispensável justamente porque o fac-símile não se comporta como dependente de nenhuma dessas famílias. Ele não reproduz seus arranjos característicos, não acompanha suas soluções editoriais mais reconhecíveis e não apresenta a feição de uma retroversão hebraica medieval do Mateus grego ou latino.

Ao contrário, preserva uma matriz hebraico-aramaica própria, com leituras semíticas internas, jogos de linguagem e convergências patrísticas que não aparecem como simples empréstimos dessas tradições. Por isso, a questão já não é perguntar se o fac-símile pertence a Shem Tov, Du Tillet ou Münster, mas demonstrar, por cartografia de variantes, em que pontos ele se afasta dessas famílias e em que pontos conserva soluções mais antigas, mais orgânicas e mais coerentes com o campo do Evangelho dos Hebreus. A independência textual não deve ser apenas declarada; deve ser mostrada linha por linha, variante por variante, até que a singularidade do documento se imponha pelo próprio confronto textual.

O quarto passo é a comparação com tradições siríacas, especialmente Peshitta, Diatessaron, citações de Efrem e literatura judaico-cristã preservada indiretamente. O fac-símile parece mover-se entre hebraico e aramaico, sem aderir ao siríaco eclesiástico clássico. Essa posição intermediária é justamente o que torna o documento interessante e perigoso:

interessante porque preserva uma tradição marginal; perigoso porque coloca o status quo em cheque.

O quinto passo é a revisão interdisciplinar. Um documento dessa natureza não pode ser avaliado apenas por teólogos, nem apenas por paleógrafos, nem apenas por especialistas em literatura cristã primitiva. Ele exige colaboração entre crítica textual, filologia hebraica e aramaica, codicologia, história judaica do Cairo, patrística, arqueometria, conservação documental e estudos de transmissão digital. A própria dificuldade do objeto é argumento para tratamento interdisciplinar.

Quadro 3 - Etapas recomendadas para verificação futura. Fonte: elaborado pelo autor.

Etapas	Procedimento	Resultado esperado
Arquivo digital	Extração técnica de metadados, hash e cadeia de custódia.	Cronologia digital mais segura.
Imagem	Digitalização em alta resolução e luzes diferenciadas.	Leitura de danos, rasuras e camadas.
Suporte	Radiocarbono, análise de fibras ou pele e conservação.	Datação material aproximada.
Tinta	Análise química não destrutiva.	Compatibilidade histórica ou indício de modernidade.
Texto	Edição diplomática, aparato de variantes e comparação patrística.	Avaliação crítica da tradição textual.

RELEVÂNCIA PARA OS ESTUDOS DE JUDAÍSMO ANTIGO E CRISTIANISMO PRIMITIVO

Mesmo que a investigação futura conclua que o suporte material seja tardio, o fac-símile continuará relevante se for demonstrado que ele preserva uma síntese semítica independente de tradições patrísticas. A história do cristianismo primitivo não é formada apenas por autógrafos e manuscritos antigos, é também formada por recepções, reconstruções, traduções, cópias marginais e memórias comunitárias. A permanência de um Jesus torático, judeu, davídico e associado ao campo nazareno revela uma linha de recepção que não se confunde com o cristianismo imperial nem com a polêmica rabínica.

O estudo também contribui para a discussão sobre pluralidade judaica. A oposição rígida entre judaísmo e cristianismo é produto de processos históricos longos. Nos séculos iniciais, comunidades judaicas que reconheciam Jesus, mas continuavam vinculadas à Torá, ao sábado, às festas e à memória de Jerusalém, ocupavam zonas intermediárias. A patrística frequentemente descreveu esses grupos de modo hostil ou confuso. Um fac-símile que recupera

linguagem semelhante deve ser avaliado como possível testemunho dessa zona de fronteira, ainda que tardio.

A relevância acadêmica não depende de aceitar a teologia interna do texto. Ao contrário, o pesquisador deve justamente colocar entre parênteses a adesão religiosa e perguntar que tradição histórica está sendo preservada ou construída. O documento fala de Jesus em chave semítica, associa sua identidade ao Rebento, emprega o Espírito Santo em chave materna, valoriza a Torá e preserva tensões com tradições humanas. Esses traços são historicamente significativos porque lembram que o movimento de Jesus nasceu dentro do mundo judaico e só depois foi reinterpretado por matrizes gregas, latinas e imperiais.

Para uma universidade, o valor de um artigo como este não está em oferecer conclusão espetacular, mas em abrir um objeto com controle metodológico. A pesquisa brasileira em judaísmo antigo e cristianismo primitivo ainda pode contribuir muito quando une filologia, arqueologia, história das religiões e crítica textual. O Codex Matthaeei Cairensis, justamente por ser incômodo e incompleto, obriga o pesquisador a exercer virtudes raras: cautela, coragem documental e disposição para submeter hipóteses ao exame público.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Codex Matthaeei Cairensis deve ser entendido como objeto preliminar de pesquisa textual. Sua importância não está em resolver definitivamente a origem do evangelho de Mateus, mas em reunir dados que exigem exame: uma tradição aramaico-hebraica em caracteres hebraicos, um colofão atribuído a Matay bar Halfay, metadados digitais anteriores ao recebimento pelo autor, possíveis sinais de códice ou palimpsesto, e convergências específicas com testemunhos patrísticos sobre tradições evangélicas judaico-cristãs.

A datação digital do PDF é relevante, mas limitada. Ela permite falar em anterioridade do arquivo em relação à recepção de 2019, especialmente pela modificação indicada em 2017. Todavia, ela não data o suporte original, nem a tinta, nem a escrita, nem a tradição textual. A datação material só poderá ser estabelecida por exame direto do objeto, se este for localizado.

As convergências patrísticas constituem o ponto mais forte do estudo. Papias/Eusébio, Jerônimo, Orígenes e Epifânio preservam notícias de tradições semíticas associadas a Mateus, aos hebreus, aos nazarenos e aos ebionitas. O fac-símile converge com esse campo em pontos que não são triviais: a Mãe-Espírito, o pão do amanhã, o alimento de João, a mulher acusada e a forma semítica de nazareno. Essas convergências não provam identidade textual, mas tornam a hipótese de tradição semítica digna de investigação acadêmica.

Recomenda-se, para etapas futuras, localizar o suporte original ou cópias de melhor resolução; produzir fotografias coloridas com escala; realizar análise multiespectral; comparar grafia e ductus com corpora hebraicos, aramaicos e judaico-árabes do Cairo e do Mediterrâneo oriental; examinar tinta e suporte; publicar transcrição diplomática; e submeter as leituras a especialistas independentes. Até lá, a formulação mais honesta é esta: o Codex Matthaeei Cairensis não é prova concluída, mas é um problema documental legítimo, suficientemente singular para merecer estudo público.

REFERÊNCIAS

- BAUCKHAM, Richard. **Jesus and the eyewitnesses: the Gospels as eyewitness testimony**. 2. ed. Grand Rapids: Eerdmans, 2017.
- BLACK, Matthew. **An Aramaic approach to the Gospels and Acts**. 3. ed. Oxford: Clarendon Press, 1967.
- EPIPHANIUS OF SALAMIS. **The Panarion of Epiphanius of Salamis**. Translated by Frank Williams. 2. ed. Leiden: Brill, 2009. v. 1.
- EUSEBIUS OF CAESAREA. **Ecclesiastical history**. Translated by Kirsopp Lake. Cambridge: Harvard University Press, 1926. v. 1. (Loeb Classical Library).
- JEROME. Against Pelagius. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (ed.). **A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. 2nd series. New York: Christian Literature Company, 1892b. v. 6.
- JEROME. **Commentary on Matthew**. Translated by Thomas P. Scheck. Washington, DC: Catholic University of America Press, 2008.
- JEROME. De viris illustribus. In: SCHAFF, Philip; WACE, Henry (ed.). **A select library of Nicene and Post-Nicene Fathers of the Christian Church**. 2nd series. New York: Christian Literature Company, 1892a. v. 3.
- KLOPPENBORG, John S. **Q, the earliest Gospel: an introduction to the original stories and sayings of Jesus**. Louisville: Westminster John Knox Press, 2008.
- METZGER, Bruce M.; EHRMAN, Bart D. **The text of the New Testament: its transmission, corruption, and restoration**. 4. ed. New York: Oxford University Press, 2005.
- MIMOUNI, Simon Claude. **Le judéo-christianisme ancien: essais historiques**. Paris: Cerf, 1998.
- ORIGEN. Commentary on John. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (ed.). **Ante-Nicene Fathers**. Buffalo: Christian Literature Publishing, 1896. v. 10.
- SCHNEEMELCHER, Wilhelm (ed.). **New Testament apocrypha**. Louisville: Westminster John Knox Press, 1991. v. 1.



SCHOEPS, Hans-Joachim. **Theologie und Geschichte des Judenchristentums**. Tübingen: Mohr Siebeck, 1949.

SKARSAUNE, Oskar; HVALVIK, Reidar (ed.). **Jewish believers in Jesus: the early centuries**. Peabody: Hendrickson, 2007.

TAVARES, José Ricardo P. **Codex Matthaï Cairensis: o Evangelho Hebreu segundo Mateus**. 1. ed. Guajará-Mirim, RO: Edições Nasirutha, 2026.

.